

Даниил Хармс



Contos russos modernos (1900-1930)

## «Os sonhos teus vão acabar contigo»

prosa, poesia, teatro

Daniil Kharms

Tradução do russo

**Aurora Fornoni Bernardini, Daniela Mountian e Moissei Mountian**

Posfácio

**Aurora Fornoni Bernardini**

Capa

**Fabio Flaks**



KALINKA

Publicado com o apoio do  
Instituto de Tradução (Rússia)



AD VERBUM

## SUMÁRIO

- 11 Sobre o autor
- 14 Sobre esta edição
- 17 **Causos**
- 19 Caderno azul nº 10
- 20 Causos
- 21 Velhas que caem
- 22 Soneto
- 23 Petróv e Moskóv
- 24 Ilusão de óptica
- 25 Púchkin e Gógol
- 26 O marceneiro Kuchakóv
- 28 O baú
- 30 Um acontecimento envolvendo Petrakóv
- 31 História de uma briga
- 32 O sonho
- 33 O matemático e Andrei Semiónovitch
- 35 Um jovem que surpreendeu o vigia
- 37 Quatro demonstrações de como uma nova ideia pode atordoar uma pessoa despreparada
- 38 Perdas
- 39 Makárov e Petersen nº 3
- 41 O linchamento de Linch
- 42 O encontro
- 43 Um espetáculo fracassado

44	Bum!
46	O que estão vendendo nos mercadinhos de hoje
47	Máchkin matou Kóchkin
48	O sono abusa do homem
49	Os caçadores
51	Um episódio histórico
54	Fiédia Davidovitch
56	Anedotas da vida de Púchkin
58	O começo de um dia muito agradável de verão
59	Pákin e Rakúnin
63	<b>Outros textos</b>
65	“Uma mosca bateu na testa de um senhor...”
70	O mundo e nós
72	Uma manhã
77	Sobre o equilíbrio
79	Sobre fenômenos e existências nº 1
81	Sobre fenômenos e existências nº 2
83	Feriado
84	Um incidente na rua
85	“Agora vou contar como nasci...”
87	O período na incubadeira
88	“Havia um homem chamado Kuznetsóv”
90	“Olhe – disse ele...”
92	A morte de um velhinho
93	O pai e a filha

95	“Um homem foi dormir crente e acordou descrente”
96	O chapéu
97	“Um senhor baixote...”
98	A vitória de Mýchin
101	A queda
103	Sinfonia nº 2
107	<b>A velha</b>
139	<b>Poesia</b>
141	À minha mulher
145	Nãoagora
149	“Elizaveta brincava com o fogo”
151	“Eu entendi estando na floresta”
153	Ordem aos cavalos
155	O que fazer?
157	“Dorme e num instante, a alma distraída”
159	“Os dias voam como as andorinhas”
161	“Os sonhos teus vão acabar contigo”
163	Dia
165	Morte de um guerreiro selvagem
169	“Pensei, pensei nas águias”
171	<b>Manifesto da OBERIU</b>
185	<b>Elizaveta Bam</b>
227	<b>Textos para crianças</b>
229	Sobre como Kolka Pánkin viajou para o Brasil e sobre como Pietka Erchóv não acreditou em nada

242	As sete gatas
244	A raposa e a lebre
247	<b>Poesia para crianças</b>
249	Iván Iványtch, o samovar
255	Iván Toporýchkin
257	Para quê
259	Teatro
263	Gatinhos
265	Saiu de casa um sujeito
267	O que era aquilo?
269	A raposa e o galo
271	<b>Posfácio</b>
289	Sobre os colaboradores







Apesar do atual *frisson*, Daniil Kharms (1905-1942), um dos principais representantes da vanguarda russa dos anos 1930, é praticamente desconhecido do público brasileiro, assim como o foi do público russo por muito tempo, pois sua obra só começou a ser publicada integralmente em solo natal no fim da década de 1980, nos últimos anos da União Soviética. Com a censura praticada no período stalinista, Kharms sabia que não conseguiria publicar seus textos e que eles acabariam no fundo de uma gaveta, mas não deixava de escrevê-los e de organizá-los em cadernos que ele mesmo costurava. Só sabiam da existência desses escritos Marina Málitch (1909 ou 1912-2002), sua segunda esposa e para quem ele os lia, e os amigos próximos, sobretudo os do círculo dos *tchinari*, criado por Aleksánder Vvediénski (1889-1941) nos anos 1920 e frequentado por filósofos e artistas. Todos sentiam a força do talento singular de Daniil Kharms e fizeram de tudo para que ele não desaparecesse como tantos outros artistas daquela época. Foi, inclusive, graças à ajuda dos amigos que Kharms ingressou na literatura infantil, principalmente do poeta Samuel Marchák (1887-1964) e da pintora Alissa Póret (1902-1984), que ilustrou muitas obras infantis de Kharms, publicadas em livros e nas revistas *Loj* (Ouriço) e *Tchij* (Pintassilgo). Foram esses trabalhos, os únicos de fato publicados em vida, que lhe deram algum sustento.

A primeira prisão de Daniil Kharms aconteceu em 1931, seguida de um período no exílio. É claro que, embora a justificativa oficial fosse outra, a pena imposta, a ele e a outras pessoas de seu grupo, deveu-se de fato à criação da OBERIU (Associação para uma Arte Real), em 1928, na qual Kharms teve participação ativa. A OBERIU, que reuniu alguns dos *tchinari*

e outros artistas de vanguarda de Leningrado, durou cerca de três anos.

De volta do exílio, em 1932, Kharms dedicou-se mais assiduamente ao estudo dos *objetos* e suas interações ao lado dos *tchinari*, principalmente do poeta Aleksánder Vvediénski, seu amigo mais próximo, e do filósofo Iákov Drúskin (1901-1980). As conversas entre os *tchinari* serviram de base à produção tardia de Kharms, mais tarde comparada com a dos nomes mais festejados da assim chamada literatura do absurdo.

Em muitas obras de Kharms, nas quais o cômico e o *nonsense* se unem para expressar suas especulações filosóficas, surgem figuras conhecidas, além da sua própria. Como certamente notou Aurora Fornoni Bernardini no posfácio aqui publicado: "<...> o autobiográfico e o fantástico se unem para criar seu estilo". Vvediénski costumava dizer que "Kharms não fazia arte, ele era arte". Os trajes, a figura esguia, o pequeno apartamento que dividia com Marina Málitch, decorado com desenhos que ele mesmo fazia... tudo somava à sua criação.

A segunda prisão de Kharms, em 1941, foi a definitiva: transferido para uma cela psiquiátrica, morreu provavelmente de fome, pois Leningrado estava cercada por tropas nazistas. Marina Málitch, temendo a polícia, entregou uma mala com os manuscritos de Kharms para Iákov Drúskin.

Daniil Kharms foi reabilitado pela justiça soviética em 1956, mas seus textos basicamente não foram editados nesse momento, embora circulassem por meio de *samizdát* (edições clandestinas). A primeira edição das obras completas de Kharms foi feita em Bremen, na Alemanha, graças ao literato Mikhail Miéilakh (1944), que estudou o material guardado por Drúskin e organizou essa publicação entre 1978 e 1981.

Assim, devido ao aventuroso percurso desses manuscritos,

há inúmeras discrepâncias entre as edições dos trabalhos de Kharms, inclusive entre as russas atuais. Hoje os cadernos de Daniil Kharms se encontram na Biblioteca Pública Saltykóv-Schedrin e na Casa de Púchkin, ambas em São Petersburgo.

Parte da coleção Contos Russos Modernos (1900-1930), este é o primeiro volume dedicado à obra de Daniil Kharms. No espírito da OBERIU, organizamos uma edição reunindo prosa, poesia, teatro e crítica, traduzida a seis mãos, num processo de constantes trocas e colaborações.

A primeira parte do livro, com tradução de Moissei e Daniela Mountian, traz textos em prosa, embora a mistura de gêneros seja frequente. Kharms idealizou algumas coleções, mas a mais bem acabada é a série *Causos*, aqui apresentada integralmente e na ordem imaginada pelo autor. São miniaturas, pequenas obras-primas escritas entre 1933 a 1939, que, assim como os textos avulsos selecionados (dispostos cronologicamente), se relacionam em muitos aspectos com sua única e magistral novela, "A velha", de 1939, também parte deste tomo.

A seção de poesia, traduzida por Aurora Fornoni Bernardini, traz versos representativos de Kharms e também suas linhas mais pessoais, como a que intitula o livro, "Os sonhos teus vão acabar contigo", escrita no ano de 1937, quando suas obras infantis quase já não eram publicadas e ele passava fome ao lado da esposa.

No "Manifesto da OBERIU", o único texto de assinatura coletiva apresentado nesta edição, os *oberiuty* falam, no tom exclamativo característico dos manifestos de vanguarda, de suas próprias ideias sobre arte, poesia, cinema e teatro. Discorrem ainda sobre a peça *Elizaveta Bam*, um símbolo da produção da OBERIU, aqui publicada na sequência, já que tanto a peça quanto o manifesto, traduzidos por Moissei Mountian, foram apresentados na Casa da Imprensa, em Leningrado, na noite de 24 de janeiro de 1928. Mesmo sendo uma das obras iniciais de Kharms, *Elizaveta Bam*

revela muitos elementos de sua produção dos anos 1930, que o consagrou em definitivo.

Em seguida, com tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Moissei Mountian, uma pequena seleção de textos e poemas para crianças que se tornaram muito conhecidos dos russos na época de Kharms e o são até hoje, como "Iván Iványtch, o samovar", "Iván Toporýchkin" e "Teatro".

No posfácio, Aurora Fornoni Bernardini analisa alguns pontos da biografia e da poética e filosofia de Daniil Kharms. Afinal, o *nonsense* que ele empregava em seus textos, partindo das situações mais esdrúxulas do cotidiano, era uma forma de "purificar" o mundo e seus *objetos*, de desnudar o *real*; sua arte era um método de conhecimento, que desenvolvia ao lado dos seus amigos *tchinari*.

Por fim, neste volume procuramos fazer um apanhado de textos emblemáticos, com os motivos e procedimentos recorrentes da criação de Kharms, que serão complementados com um segundo tomo dedicado ao autor.

No universo de Daniil Kharms, povoado de *hieróglifos*, como a esfera, o relógio e a janela, os *objetos* – *abstratos* e *ideais*, como Mikhail Iampólski<sup>1</sup> bem notou – colidem e se transformam, caem e se esquecem de si; o tempo e a morte se tornam descontínuos e fragmentados. Além de reflexos do supematismo de Kazimir Malévitch e da fenomenologia de Henri Bergson e de Gustav Shpet, o leitor não deixará de notar fortes parentescos com autores como Franz Kafka e Samuel Beckett.

Criador de uma obra extraordinária, que até hoje atordoia nossos sentidos, Daniil Kharms teria ainda muito a desconstruir não fosse o tombo que a vida o fez tomar aos 37 anos de idade.

<sup>1</sup>IAMPÓLSKI, Mikhail. *Bespamiatstvo kak istok*. Moscou: *Novoe Literaturnoe Obozrenie*, 1998.

A tradução foi baseada nos livros:

KHARMS, Daniil. *Ízbrannoe* (Seleta). Würzburg: Ed. Jal-verlag, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sobránie Sotchimiénii v dvukh tomakh* (Obras completas em dois tomos). Moscou: Ed. Zebra E, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sobránie Sotchimiénii v triókh tomakh*. (Obras completas em três tomos). São Petersburgo, Ed. *Ázbuca*, 2011. Aqui citado: (KHARMS: 2011).

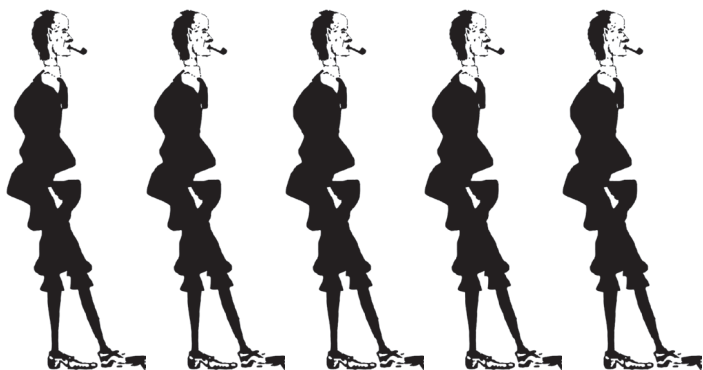
As notas da tradução seguem no fim de cada seção.



# CAUSOS

TRADUÇÃO: DANIELA E MOISSEI MOUNTIAN

*Dedicado a Marina Vladímirovna Málitch*



Havia um homem ruivo que não tinha olhos nem orelhas. Ele também não tinha cabelo, de modo que só poderíamos chamá-lo de ruivo condicionalmente. Ele não podia falar, porque não tinha boca. E também não tinha nariz. Não tinha sequer pés e mãos. Não tinha barriga, não tinha costas, e espinha dorsal também não, nem mesmo vísceras ele tinha. Ele não tinha nada! De modo que não está claro de quem estamos falando. Pois o melhor é não falarmos mais dele.

*7 de janeiro de 1937*

## CAUSOS

Certa vez Orlóv se empanturrou de ervilha esmigalhada e morreu. E Krylów, ao tomar conhecimento disso, também morreu. E Spiridónov morreu por si só. E a esposa de Spiridónov caiu do bufê e morreu também. E os filhos de Spiridónov se afogaram no lago. E a avó de Spiridónov deu de beber e caiu no mundo. E Mikháilov largou de se pentear e apanhou uma sarna. E Kruglów desenhou uma dama com um chicote na mão e perdeu o juízo. E Perekhrióstov recebeu quatrocentos rublos pelo telégrafo e ficou tão cheio de si que perdeu o emprego.

Gente boa, e não sabe fincar o pé no chão.

*22 de agosto de <1936>*

## VELHAS QUE CAEM

Por excesso de curiosidade uma velha meteu-se pra fora da janela, caiu e espatifou-se.

Outra velha apareceu na janela e começou a olhar para a espatifada, mas por excesso de curiosidade também se meteu pra fora da janela, caiu e se espatifou no chão.

Depois caiu uma terceira velha da janela, depois uma quarta, e depois uma quinta.

Mas, quando caiu uma sexta velha, eu fiquei entediado e fui à feira de Máltsevski, onde ouvi dizer que um cego ganhou um xale de tricô.

<1936-1937>

# POSFÁCIO

AURORA FORNONI BERNARDINI



Daniil Ivánovitch Iuvatchóv (1905-1942) foi um menino de certa forma tardio. O pai, Ivan Pávlovitch Iuvatchóv, casara-se, já com certa idade, com uma senhorita de origem nobre considerada não jovem naquela época, a mais que trintona Nadiejda Ivánovna Koliubákina, diretora da lavanderia para ex-presas da princesa Oldenbúrskaja. Antes de casar-se, a vida de Iuvatchóv fora, no mínimo, movimentada. Filho de um lustrador de soalhos do Palácio de Inverno, conseguiu se formar oficial no Instituto Técnico do Ministério da Marinha de Kronstadt e servir ao czar Alexandre III, por alguns anos, no mar Negro. Entretanto, na década de 1880 ligara-se ao movimento populista *Naródnaja Vólia* (Vontade do povo), de cujas fileiras saíam os principais conspiradores da morte do czar, em 1881.

Condenado à morte com treze companheiros, teve sua pena comutada em quinze anos de trabalhos forçados, oito dos quais passou na Ilha de Sacalina, onde o conheceu Tchékhev, que ficou impressionado, conforme escreveu em suas notas de viagem, com o tipo pitoresco. Como acontecera com Dostoiévski, Iuvatchóv transformou-se de ateu – como diz Paolo Nori em sua apresentação aos *Desastres* de Kharms – em paladino do cristianismo. De volta a Petersburgo, ele deu de escrever uma série de livros tanto de memórias quanto de religião, muito apreciados pela família do conde Tolstói, meticulosamente repletos de datas e acontecimentos, sonhos inclusive.

Ao voltar dos trabalhos forçados, Iván Pávlovitch começou a trabalhar como inspetor da Caixa de Poupança e, em 1903, casou-se com Nadiejda Ivánovna. Em 1905, em São Petersburgo, nascia Daniil. Por estar sempre em viagem, a trabalho, Ivan



Pávlovitch escrevia diariamente à mulher cartas pedagógicas para que ela as lesse ao filho à medida que este fosse crescendo. A figura desse pai fantasmagórico fixou-se no imaginário de Daniil de forma a incutir nele um respeito duradouro.

Sempre que falava com o pai, Daniil se levantava, mesmo adulto, relata um de seus biógrafos (NORI, p. 135). O nome Kharms, escolhido por Daniil como pseudônimo, possuía para ele duas acepções: *barm* (mal) e *charm* (magia) ou “infelicidade” e “felicidade”, como ele teria explicado à amiga Alissa Póret, discípula do pintor Filónov, uma das mulheres de sua vida.

O ambiente em que o jovem cresceu era marcadamente feminino. Além da mãe e das duas irmãs Elizaveta e Natália (esta última, nascida em 1912, morreria ainda criança), a tia, Natália Ivánovna Koliubákina, diretora do colégio feminino de Tsárskoe Seló, ocuparia um lugar importante em sua vida. Estas e outras informações devem-se aos cadernos de apontamentos do próprio Kharms (KHARMS: 2013), milagrosamente salvos da destruição por obra do amigo Iákov Drúskin, um dos membros do grupo dos *tchinari*, que conservou durante muitos anos a maleta que lhe fora confiada por Marina Málich, a segunda mulher do escritor, pouco antes da morte deste, em 1942, numa das seções do Hospital Psiquiátrico da então Leningrado.

*Tchinari*, outro nome inventado – de “*tchin*”, grau “espiritual”, entre outros significados (OSTASHEVSKY: p. xv) –, designava cada um dos membros do grupo de amigos que incluía, além de Kharms e Drúskin, Aleksánder Vvediénski, Leonid Lipávski, Nikolai Obolénski e Nikolai Oléinikov. Eles se encontravam periodicamente para estudos e discussões. Esses círculos de estudos eram frequentes na Rússia, destacando-se, entre outros, o dos Formelistas (conhecidos pelos *tchinari*) e o de Mikhail Bakhtin.

Mas procedamos por ordem. O menino Daniil deu logo pro-

vas de possuir uma memória privilegiada, uma grande sensibilidade, um excelente ouvido musical e uma pronunciada tendência para escrever, desenhar e... jogar xadrez. Todas essas qualidades Daniil desenvolveu com sucesso até o fim de sua infância, meticulosamente anotadas nos escritos do pai. No renomado Ginásio Alemão de Peterschule, onde iniciou sua formação, ainda na época czarista, seus resultados eram excelentes. Só que as drásticas mudanças que o novo regime imprimiu à educação a partir de 1918 aturdiram-no de tal maneira que seu rendimento baixou a ponto de só conseguir terminar seus estudos secundários graças à intervenção da tia Natália, a essa altura diretora de outra instituição de ensino soviética, para onde ele foi transferido. Em 1924, já poeta participante em "ações" de vanguarda, inscreve-se no Instituto Eletrotécnico de Leningrado, e é aí que o encontramos, no fim desse ano, já apaixonado por números e equações (KHARMS: 2013 – caderno 1), mas não só. É impressionante a lista dos livros lidos por Daniil (geralmente retirados de bibliotecas) e registrados em seus cadernos de notas: afora praticamente todos os russos (seus grandes mestres: Púchkin e, principalmente, Gógol), sem elencar aqui os nomes, o que se nota são os variados e profundos interesses do jovem estudante, que vão se acumulando com o tempo. Literatura Inglesa e Alemã, mas, antes, a da Grécia Antiga. Filosofia e Mística Indiana. Ocultismo, Hipnotismo, Psicologia, Teoria Literária. Autodidatismo. Sexualidade. A respeito desses dois itens cabe um reparo. Por um hábito pedagógico adquirido ainda na adolescência, Kharms costumava escrever, a cada dia, um pró-memória do qual constavam, hora por hora, as atividades que ele mesmo se propunha. Tanto as referentes ao Instituto (Ex. Geometria. Teste de Matemática. Química. Física. *Drafting.*), quanto as que serviriam de guia, estímulo ou desafogo para sua vida pessoal (Ex.